

## **Crianças**

### **Auta de Souza**

A Antônia de Araújo, companheira  
amada dos tempos do colégio.

Moro na rua da Ventura. Perto,  
Há um ninho - é a aula das meninas;  
Trazem-me sempre o coração desperto  
Os risos dessas almas cristalinas.

Sinto-me alegre. Vivo sem saudade,  
Sem, desconforto, sem desesperanças.  
Sou bem feliz na minha soledade  
Ouvindo o pipilar d'essas crianças.

A's duas horas ergo-me da banca  
Onde medito: vai fechar-se a escola...  
Que bem me faz esta algazarra franca  
De aves gentis que voam da gaiola!

Gosto de vê-las quando saem rindo  
Alegremente, as mansas andorinhas.  
São doze ao todo. Que rebanho lindo  
De inocentes e castas ovelhinhas!

Vem na frente a maior. Já quase moça,  
Olhos azuis e fronte cismadora:  
Uma açucena de esquisito louça,  
De face cor de neve e trança loura.

É séria e triste. Chama-se Laurita;  
Tem uma voz que me seduz e encanta;  
Veste sempre de azul e é tão bonita  
Com os seus ares de pequena santa!

Passa depois Sophia, uma criança  
De olhar mais negro do que a noite escura.  
Vive sempre a sorrir como a Esperança,  
Vive sempre a cantar como a Ventura!

E aquela doida que lá vai correndo  
Em risco de tombar nas pedras duras?  
É Lúcia. A vida quer levar fazendo  
Todos os dias essas travessuras.

Depois, Sarah e Rebecca... Borboletas  
Irmãs no olhar, no rosto e nos vestidos;  
São dois anjinhos de madeixas pretas,  
Gêmeos sorrisos, corações unidos!

Segue-as a linda e ingênua moreninha  
De nome terno e encantador: Dolores,  
Uma singela e pálida amiguinha

Que todas as manhãs guarda-me flores.

Hoje, está triste. Nem me deu bom dia!  
Deixou cair as rosas pela estrada.  
- Que é do teu canto, doce cotovia?  
(Reparem ela como vai zangada!)

Desce em seguida a meiga Valentina,  
Dez anos tem. Parece um Querubim...  
Uma açucena pálida e franzina,  
Um encantado e pálido jasmim!

E a Inocência? Vem chorando tanto!  
Que te fizeram, minha sensitiva?  
Quem foi que os olhos te inundou de pranto,  
Quem te causou essa amargura viva?

Já sei: a mestra quis ralhar contigo,  
E foi bem feito, colibri travesso!  
Fiquei alegre com o teu castigo;  
Por que não me dás beijos quando os peço?

Ouçó chamar pelo meu nome... É Santa,  
Um diabrete muito engraçadinho...  
- Soube a lição? - Não me responde, canta...  
- Graça inocente, voa para o ninho!

Puxando a trança de Lucília, passa  
Celeste, a loura; correm como doidas...  
Por que é que tarda a pequenina Garça,  
A mais mimosa e mais gentil de todas!

Ei-la! É um anjo a divagar na terra,  
Um beija-flor que prendem na gaiola...  
Quanta candura o seu sorriso encerra,  
Quanta inocência d'esse olhar se evola!

Como eu a amo e que tristeza infinda,  
Sinto nos dias em que não a vejo...  
Ah! como adoro essa mãozinha linda,  
Tão pequenina que parece um beijo!

E eu digo ao ver das criancinhas mansas  
O bando alegre e luminoso e forte:  
Vós sois no mundo claras esperanças,  
Rosas da vida, embalsamando a morte!

O vosso olhar é como um livro aberto  
Onde soletro as minhas alegrias...  
Oásis santo num cruel deserto,  
Negro e sem fim, de fundas agonias.

Em breve as férias chegarão, e eu triste  
Quantas semanas vou passar distante

De vosso olhar onde a Candura existe,  
De vosso riso claro e hilariante!

E para não ficar tão só, tão louca,  
Presas da cisma ao doloroso enleio,  
Dai-me as cantigas que levais na boca,  
Dai-me as quimeras que guardais no seio!

Pois já suspiro pela aurora mansa  
Que há de trazer com o sol do novo ano,  
Para a voss'alma mais uma esperança,  
Para a minh'alma mais um desengano.

Anjos da terra, flores animadas,  
Aves do céu que a chilrear passais...  
Como vos quero, evocações amadas  
Do meu passado que não volta mais!

Ah, quem me dera os sonhos perfumados  
D'aquele tempo de ideal fragrância...  
Cantai! cantai! ó rouxinóis sagrados,  
Lembraí-me os dias da primeira infância!